

Título do Estudo: O Lugar e o Não Lugar da Expressão Plástica nos Projectos Curriculares nas acções dos Educadores de Infância	
Guião de observação dos contextos em estudo	
Data da Observação: 10 de Janeiro de 2008	Hora da Observação: 10h/12h
Contexto da Observação: (neste item refiro-me à identificação do jardim de infância)	
Actividade observada (orientada ou jogo espontâneo): Construção de fantoches	
Espaço utilizado para o desenvolvimento da actividade: Sala de actividades	
Intervenientes: Educadora B e crianças da sala de 4 anos (em pequeno grupo)	
<p>Introdução à informação recolhida por observação directa: De acordo com a educadora a actividade surgiu do interesse demonstrado pelas crianças a partir de uma adivinha que sugeria os diferentes materiais que podem ser usados na construção de um fantoche. A adivinha, explorada através de um personagem (bruxa em suporte de fantoche) que visita a sala frequentemente, motivou as crianças, tendo sido discutida a possibilidade de se construir fantoches na sala, para o que as crianças teriam que trazer materiais de casa.</p> <p>No entanto, a ideia foi esmorecendo até que uma das crianças levou para a sala alguns fantoches que recebeu no Natal para contar histórias em conjunto com os colegas. Essa acção provocou uma nova motivação, notando-se um maior empenhamento por parte de algumas crianças na recolha de alguns materiais de desperdício. Embora nem todas as crianças tenham recolhido materiais, a educadora salvaguarda que isso faz parte de um processo para o qual têm vindo a ser traçadas estratégias, nomeadamente através da não afixação de alguns pedidos aos pais, na expectativa que as crianças desenvolvam competências ao nível da memorização e responsabilização.</p>	
Registo da observação em contexto	
<p>Durante o acolhimento as crianças distribuíram-se pelas diferentes áreas de actividade, tendo a actividade observada decorrido na área da pintura [assim designada pelos elementos da sala], em pequeno grupo. A actividade teve início com a educadora e três crianças. O grupo foi-se modificando de acordo com o espaço disponível e a conclusão do trabalho pelas diferentes crianças. Assim, progressivamente foram entrando outras crianças no grupo de trabalho.</p> <p>Simultaneamente à orientação da actividade a educadora foi estando atenta ao restante grupo, pois num primeiro momento a auxiliar não se encontrava na sala. À medida que as crianças foram integrando no grupo, a educadora foi explicando o que teriam que fazer, indicando os materiais e orientando as diferentes fases do trabalho.</p> <p>Os materiais disponíveis na mesa eram garrafas de plástico, colheres de pau, tubos dos rolos de papel higiénico, botões, tecido de plástico, cartão branco, um tubo de cola de contacto, um tubo de cola líquida uhu, um rolo de fita-cola e tesouras, no entanto, as crianças podiam</p>	

<p>recorrer a outros que estavam guardados.</p> <p>Todos os materiais estavam em bom estado com excepção dos pincéis, que tinham os pêlos secos e duros e das tesouras que não cortavam. Embora, tivessem solicitadas as da sala dos 5 anos estas também não cortavam. A quantidade de cola – líquida e em fita – disponibilizada foi *suficiente.</p>	<p>O que pode justificar-se por terem sido incorrectamente lavados e guardados. Este aspecto pode constituir um constrangimento para o desempenho das crianças, na medida em que dificulta a utilização correcta destes materiais, limitando, assim, a sua actividade criadora. Por outro lado, revela a falta de cuidado na sua manutenção e arrumo, que poderiam também ser incentivados nas crianças, pois além de as responsabilizar na arrumação e organização dos materiais fomenta a aprendizagem de novos saberes, nomeadamente ao nível dos cuidados a ter com este tipo de materiais.</p> <p>*Na medida em que favoreceu a partilha sem prejudicar a autonomia e o tempo de espera das crianças, embora não tivessem sido observados indicadores dessa intenção por parte da educadora, que além de só ter dito a uma das crianças para não demorar muito a utilizar a cola, utilizou a meu ver, uma forma de se exprimir pouco afectuosa, no conteúdo e tom de voz ao dizer “...anda lá que os teus colegas precisam da cola”. Assim, a gestão dos materiais foi sendo conseguida de acordo com a capacidade de interacção de cada uma das crianças envolvidas, o que pode, também, revelar algum trabalho prévio nesse sentido.</p>
<p>Para além dos materiais existentes na mesa as crianças podiam usar outros arrumados no espaço a eles destinado.</p>	<p>Embora algumas crianças se tenham levantado e procurado materiais a maior parte das vezes foi a educadora que fez essa busca, que o colocou na mesa ou entregou às crianças, o que, de certa forma, condicionou as suas escolhas. Mesmo as crianças que se levantaram foi muitas vezes para ir buscar material sugerido pela educadora: “... para os cabelos tem ali umas coisas giras na caixa... uns pêlos... uns tecidos muito giros”;</p> <p>A educadora influenciou sempre a escolha da criança de acordo com os seus (da educadora) valores estéticos e expectativas face ao resultado do trabalho. Exemplo disso, são algumas das expressões que dirigiu às crianças**.</p>

<p>**À medida que a actividade se foi desenrolando a educadora foi dando apoio às crianças e dizendo “faz como quiseses” ou “faz como gostares mais”, “... corta assim...”, “... faz assim um buraco...”, “... isto é o vestido...”, “... agora faz os olhos e o nariz... tens aí muitos botões...”, “...aqui não, corta aqui, para ficar mais direitinho...”, “... agora enche...”, “...faz como quiseses... se quiseses vai buscar para forrar o rolo”.</p> <p>- ***o M. escolheu uma luva de lã para fazer o cabelo do fantoche, ao que a educadora respondeu que não podia ser, pois a luva era para outro tipo de fantoche e deu-lhe um pêlo verde e pôs-lhe cola dizendo: “Isto é que é cabelo. Toma, vai lá colar.”. ****No final riram-se os dois com o resultado.</p> <p>- A F. construiu o fantoche com uma caixa de cartão com uma tampa de plástico. Por sugestão da educadora a caixa foi forrada com papel de lustro. Entretanto, enquanto a F. foi buscar um material a educadora cortou a tampa de plástico da embalagem, sem explorar com ela se esta poderia ficar e ser transformada em algo, dizendo apenas “vamos cortar isto, porque assim não dá jeito nenhum”.</p> <p>- Quando o D. chegou à mesa a educadora questionou-o sobre o queria fazer. O D. olhou em seu redor, a observar os trabalhos dos colegas, como se não soubesse o que estavam a fazer e apontando para um fantoche disse que queria fazer bonecos. A educadora interpretou a sua resposta como querendo fazer um boneco igual ao que tinha apontado e respondeu-lhe que não podia ser, porque as garrafas tinham acabado e que ele teria que escolher outro material. Ele escolheu uma luva de lã e começou a colar pêlo para simular cabelo. Entretanto, a educadora disse-lhe que ficava muito bem colocar umas “bolas grandes” para os olhos e foi procurá-las. O D. colou os olhos, mas quis continuar a colar pêlo na zona dos dedos da luva. A educadora chamou-o à atenção, dizendo que ele já tinha colado o cabelo e que as aranhas não têm cabelo naquele sítio. O D. pareceu não ter atribuído a identidade de aranha à luva estando simplesmente a explorar os</p>	<p>Para além dos exemplos já referidos cito outros exemplos de situações que considero terem condicionado o processo criativo das crianças***.</p> <p>****Esta foi aliás uma das únicas situações em que a educadora manifestou mais abertamente emoções. Isto não significa que não tenha sido afectuosa no decorrer da actividade, mas manteve sempre o mesmo tom de voz e raramente se riu ou estimulou as crianças de forma expressiva, dinâmica, alegre e envolvente.</p>
--	--

materiais e a retirar partido disso. Entretanto, enquanto a educadora deu atenção a outras crianças o D. acabou por colar o pêlo no sítio que havia pensado inicialmente, ao que a educadora comentou: “está muito giro”;

- À medida que as crianças iam chegando à mesa para iniciar a actividade a educadora explicava o que poderiam fazer. Num desses momentos a educadora estava a explicar à C. como poderia fazer a cabeça do fantoche, enchendo uma meia com algodão. A M., que entretanto chegou à mesa, ouviu partes soltas da explicação e a partir do “encher/algodão”, resolveu começar a encher uma garrafa de plástico com algodão. Entretanto, a educadora foi dando apoio às restantes crianças, sobretudo as que se sentavam junto de si, e a M. continuou na sua actividade, demonstrando muita concentração na sua acção, mas também muita atenção no discurso da educadora e nas acções e discurso dos colegas. Quando terminou de encher a garrafa a M. questionou a educadora se deveria pôr a tampa. Ao reparar no trabalho da M., a educadora disse “sabes o que ficava giro? Uma ovelhinha... pões as perninhas, metes mais algodão... para as perninhas ficarem todas iguais... empurra mais para dentro”. Apesar da sugestão persistente da educadora, a M. disse querer fazer as patas com os botões, ao que a educadora respondeu que iriam ficar muito pequenas, mas como a M. insistiu muito a educadora acabou por lhe dizer para experimentar. A M. continuou concentrada a colar muitos botões no seu fantoche, de forma criteriosa e cuidada. No final a educadora elogiou o seu trabalho, dizendo que “afinal as patinhas podiam mesmo ser com botões”;

- A I. estava a construir um fantoche com uma colher de pau, que tinha um furo no centro. Foi fazendo a roupa, com a orientação, da educadora e quando chegou o momento de fazer a cara a educadora disse-lhe que a cara não podia ter aquele buraco, que era melhor tapá-lo. Deu um cartão à criança e um rolo de papel higiénico para desenhar um círculo e de seguida recortar. No entanto, o cartão era bastante duro o que dificultou a tarefa à criança. A educadora insistiu, dizendo à I. para não ser preguiçosa e,

que faltavam os braços. A educadora perguntou, então como os iria fazer e o D. pegou num papel colorido. A educadora de imediato disse: “Não faças com esse que é mole. Faz com este branco que é duro!” O D. pegou num tecido com pêlo colorido e a educadora contestou “Esse não! Já viste uns braços com pêlo?”. O D. pegou então num pedaço de papel celofane azul. A educadora já um pouco irritada perguntou-lhe “Isso é branco... e duro? Já viste uns braços tão moles? Assim?”. O D. ficou atrapalhado, a educadora deu-lhe um cartão branco e ele recortou os braços.

Durante o desenvolvimento da actividade a educadora foi dizendo: “Tens aqui a meia, tens ali um saco com algodão, podes encher”; “... não precisas de fazer dedos, sobraram muitos do Z., tens aqui, podes usá-los”; “...tens que cortar mais azul para forrar aqui atrás, senão o rolo fica a ver-se”; “... se calhar tens que deitar a garrafa para os olhos secarem e não caírem”; isto sem as questionar e tentar perceber como resolveriam as questões levantadas.

A troca de experiências, de saberes e apoio entre as crianças, poderiam também ter sido potenciadas o que não aconteceu, excepto por iniciativa própria da C., que dava sugestões e opiniões acerca do trabalho dos colegas e inclusive tentava explicar aos que iam chegando aquilo que tinham que fazer. “Vês... tens que fazer assim. Precisas de uma garrafa”; “Empresto-te a tesoura, mas tem cuidado”.

O desempenho e envolvimento das crianças variaram de acordo com a sua motivação, competências ao nível do recorte, colagem e resolução de problemas e com a orientação da educadora. O que pude verificar é que as crianças menos orientadas exploraram mais os materiais e envolveram-se mais espontaneamente na actividade. Em termos do resultado final, os trabalhos das crianças que obtiveram maior orientação por parte da educadora eram muito semelhantes entre si, ao contrário das produções das crianças que estiveram mais autónomas na exploração dos materiais cujos trabalhos se apresentaram mais distintos e diversificados.

Outros aspectos observados prendem-se com a autonomia e capacidade de iniciativa e a auto-estima.

No que refere à autonomia das crianças foi visível na forma como se movimentavam pelo espaço e na utilização das tesouras (mesmo com as dificuldades inerentes a não cortarem bem) e da cola (embora a educadora não tenha explicado a forma de utilizar a cola de contacto não potenciando a sua correcta utilização), no entanto, em

	<p>algumas situações a educadora não pareceu potenciar o seu desenvolvimento.</p> <p>Embora consciente das limitações financeiras que as instituições enfrentam custa a entender a consciência das tesouras (um material não muito dispendioso) não cortarem bem e continuarem a existir na sala e a serem utilizadas, constituindo, ao contrário do desejado, uma limitação ao desempenho das crianças.</p> <p>Ainda relativamente à autonomia e auto-estima pode referir-se um momento em que a S. estava a decorar o vestido do seu fantoche. Ao decorá-lo com pequenos recortes em plástico sempre que sentia que a cola tocava nos dedos pedia à educadora para colocar essas peças na roupa, ao que ela acedia, mesmo reconhecendo o motivo que a levava a pedir. Esses acontecimentos poderiam ter sido um excelente ponto de partida para trabalhar essa limitação da criança, incentivando-a a ultrapassar essa dificuldade em vez de resolver o problema por ela.</p> <p>Ainda assim, a educadora incentivava bastante as crianças dando reforços positivos em situações em que as crianças diziam não ser capazes ao que respondia sempre que iriam conseguir: “... vês que giro que está a ficar”; “continua”; “... consegues, consegues”. Embora de seguida, acabasse por ultrapassar, muitas vezes, os obstáculos por elas.</p> <p>É curioso verificar que enquanto as crianças menos orientadas pela educadora experimentaram e arriscaram mais, as restantes apresentaram maior dificuldade em avançar para novas etapas sem o apoio da educadora, perguntando constantemente “e agora?”. Inclusive o M., num momento em que a educadora estava a dar apoio a outra criança, parou de trabalhar e disse “Não consigo!”, esperando a disponibilidade da educadora para prosseguir. Também a G. sentiu bastantes dificuldades em continuar autonomamente, pelo que solicitava constantemente o apoio da educadora: “como vou cortar o papel?” ao que a educadora respondeu “nem te vou responder. Como é que vais cortar o papel?!”. </p> <p>Quase no final da actividade, quando estavam apenas duas crianças na mesa a educadora foi apoiando a</p>
--	---

	<p>construção dos fantoches e arrumando a mesa em simultâneo, não envolvendo as crianças neste processo, o que revela um entendimento de que a actividade é constituída apenas pela construção do fantoche e não como um todo que integra a preparação e arrumação dos espaços e materiais.</p> <p>Foi também possível observar que as crianças menos orientadas pela educadora demonstraram vontade em fazer outro fantoche, ao que a educadora respondeu que não podia ser, porque já tinham feito o seu e só quando todos terminassem é que poderiam construir outro. Isto pode revelar por um lado alguma inflexibilidade na concretização da planificação e por outro um entendimento da expressão plástica como um processo mecânico, que tem que ser experimentado de igual forma por todas com o fim de construir algo pré-definido pelo adulto.</p> <p>Neste caso concreto, e havendo espaço disponível na sala, penso que as crianças que o desejaram poderiam ter continuado a criar fantoches em vez de terem que se distribuir pelas áreas de jogo, dando assim, continuidade ao projecto que haviam iniciado e que estava a fazer sentido para eles.</p>
--	--